

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS DO PONTAL
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LAYLA CAROLYNE CARVALHO SILVA

A ARTE COMO CAMINHO PARA LIDAR COM A ANSIEDADE NA FORMAÇÃO DE UMA
PROFESSORA DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO PARA
UMA “BIOLOGIA DO AGORA”

Ituiutaba

2025

LAYLA CAROLYNE CARVALHO SILVA

A ARTE COMO CAMINHO PARA LIDAR COM A ANSIEDADE NA FORMAÇÃO DE UMA
PROFESSORA DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO PARA
UMA “BIOLOGIA DO AGORA”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Ciências Biológicas do Instituto de
Ciências Exatas e Naturais do Pontal da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Amaral Sales

Ituiutaba

2025

LAYLA CAROLYNE CARVALHO SILVA

A ARTE COMO CAMINHO PARA LIDAR COM A ANSIEDADE NA FORMAÇÃO DE UMA
PROFESSORA DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO PARA
UMA ‘BIOLOGIA DO AGORA’

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Ciências Biológicas do Instituto de
Ciências Exatas e Naturais do Pontal da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Ciências Biológicas.

Ituiutaba, 2025

Banca Examinadora:

Tiago Amaral Sales – Doutorado (ICENP/UFU)

Fernanda Monteiro Rigue – Doutorado (ICENP/UFU)

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela – Doutorado (ICHPO/UFU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força.

Agradeço à mim por ter a sensibilidade e a coragem de ser eu.

Agradeço à minha mãe, Elaine Lazaro da Silva, pela inspiração, luta e bondade.

Agradeço aos professores e professoras que passaram pelo meu caminho e, em especial, ao Tiago Amaral Sales, meu orientador, pela escuta e orientação com sensibilidade.

Às professoras Vanessa Suzuki Kataguiri, Maria Aparecida Augusto Satto Vilela e Luciana Karen Calábria pelas inspirações a ver a educação com a arte, e à professora Fernanda Monteiro Rigue pela leitura atenta na banca.

Agradeço à minha psicóloga Renata Iracema pelo cuidado com a minha saúde mental e as reflexões que me inspiraram a mudanças.

Agradeço à Marlene e à Renata em apresentar o brincar e a arte como caminho para afetos alegres e coloridos.

Agradeço aos meus amigos, em especial a Carolaine Remedi, que me acolheu e me fez sentir em casa em meio as dificuldades enfrentadas na graduação. E me fez perceber tudo o que era mais lindo em mim.

À minha amiga Stéphanie que me fez sorrir quando tudo me desanimava e me apoiou na graduação e na vida.

Ao meu amigo Gabriel Henrique que sempre torceu por mim.

À minha amiga Jessika Arraes que me apresentou a arte de ver a vida com leveza.

À minha amiga Victória Queiroz que me inspirou e acreditou em mim.

Agradeço imensamente às minhas tias Patrícia e Helena que desde de criança me mostrou a educação como caminho para a transformação.

RESUMO

Muitos atravessamentos permeiam a formação inicial de professores e professoras nos cursos de licenciatura. No que diz respeito ao ensino de ciências e biologia, nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas tem-se o contato com diferentes campos do saber, tanto das áreas pedagógicas gerais e específicas, quanto das biológicas, formando profissionais para atuarem na docência. Junto desses saberes curriculares formais, estão vivências que, tantas vezes, são permeadas pela ansiedade e outros estados de dor e adoecimento. O contato com as artes pode ser uma maneira de cultivar a saúde também nos processos educativos. Este trabalho buscou pensar nessas questões que atravessam a formação universitária a partir de um estudo autobiográfico que debruçou-se nas vivências da autora ao pensar em momentos de sua graduação em licenciatura em Ciências Biológicas em que a arte esteve presente. Junto disso, surge a discussão da “Biologia do Agora” como um caminho a investir em modos de atenção à vida, às ciências e à educação que acontecem em um estado de presença, cultivando maneiras de viver, aprender e se formar para além da ansiedade.

Palavras-chave: Formação de Professores/as. Pesquisa autobiográfica. Educação e Arte. Ansiedade. Biologia do Agora.

ABSTRACT

Many intersections permeate the initial training of teachers in undergraduate courses. Regarding the teaching of science and biology, undergraduate courses in Biological Sciences provide contact with different fields of knowledge, both in general and specific pedagogical areas, as well as in biological areas, training professionals to work in teaching. Along with this formal curricular knowledge, there are experiences that are often permeated by anxiety and other states of pain and illness. Contact with the arts can be a way to cultivate health in educational processes as well. This work sought to reflect on these issues that permeate university education based on an autobiographical study that focused on the author's experiences when thinking about moments during her undergraduate degree in Biological Sciences in which art was present. Along with this, the discussion of “Biology of the Now” emerges as a way to invest in ways of paying attention to life, science and education that happen in a state of presence, cultivating ways of living, learning and educating beyond anxiety.

Keywords: Teacher Training. Autobiographical Research. Education and Art. Anxiety. Biology of the Now.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Saúde Mental.....	8
1.2	Formação de Professores/as.....	9
1.3	Fundamentação Teórica.....	11
2	METODOLOGIA	14
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
3.1	Vivências entre dobras: O origami nas práticas na pandemia.....	16
3.2	A arte de estagiar, a arte no estágio: a tatuagem em questão.....	18
3.3	FotografArte: um estágio para cultivar a “Biologia do Agora”.....	20
3.4	Educar, Afetar e Transformar com a Arte.....	22
3.5	Brincar com as imagens no Ensino de Biologia e Ciências.....	23
3.6	Terapia do Bordado: bordando sentidos na educação.....	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

1.1 Saúde Mental

O filósofo Byung-Chul Han (2015) nos alerta que, em tempos permeados pelo sistema capitalista neoliberal, vivemos em uma sociedade do cansaço, em meio a uma epidemia de adoecimentos como depressão, ansiedade e *burnout*. Sabemos que, tanto na educação básica quanto superior, os índices de adoecimento mental tem se intensificado, o que muito nos preocupa¹.

No que diz respeito aos Transtornos de Ansiedade (TA), estes têm sido os causadores de intensos sofrimentos de saúde mental em meio às demandas atuais e o avanço das tecnologias. Lidar com os momentos ansiosos têm exigido estratégias que voltem a atenção para o agora, para o presente, para a vida em sua potência, para os acontecimentos que nos permeiam. Estas estratégias são singulares e dependem de como interpretamos o mundo e como o vemos.

Acerca desses tempos complexos e, tantas vezes difíceis, a bióloga, antropóloga e filósofa das ciências Donna Haraway (2023) reflete que:

Em tempos de urgências, é tentador abordar os problemas como quem procura assegurar um futuro imaginado, impedindo que algo que paira no futuro aconteça, colocando o presente e o passado em ordem, a fim de criar futuros para as próximas gerações. Ficar com o problema não requer esse tipo de relação com esses tempos que chamam de futuro. Na realidade, ficar com o problema requer aprender a estar verdadeiramente presente; não como um eixo que se desvanece entre passados terríveis ou edênicos e entre futuros apocalípticos ou salvadores – mas como bichos mortais entrelaçados em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, matérias, significados (p. 9).

Para a autora (Haraway, 2023), a arte de habitar esse tempo de urgências e desastres, chamado de Antropoceno, marcado pelas mudanças climáticas – e também por processos múltiplos de adoecimento e morte, inclusive as questões de saúde mental – demanda-nos a tarefa de aprender a ficar com certos problemas, sem procurar soluções simples. Ficar com o problema é pensar em como ele nos ensina algo, e de que maneiras podemos com ele nos articular com o mundo em que habitamos.

Tais problemas nos atravessam no ambiente acadêmico, o que a autora Macêdo (2018), discute criticamente, que os mecanismos da universidade nos colocam como sujeitos em posição de fracasso, devido à produção de conteúdos em curtos períodos e a alta performance

¹ Segundo pesquisa divulgada no site da CNN, “Dois em cada três universitários sofrem com ansiedade no Brasil”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/dois-em-cada-tres-universitarios-sofrem-com-ansiedade-no-brasil-diz-pesquisa/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

o que tem negociado com esses sujeitos os seus modos de sentir, pensar e a agir desvinculado do sentido do que fazem. Assim a universidade consitui-se como um dos microespaços onde gera-se sensações ansiogênicas, movimentos que despontecializam a vida, valorizando currículos gigantescos que por vezes não traz a satisfação e o bem-estar aos estudantes e docentes no sentido da alegria, o que mais tarde se torna adoecimento.

Buscar estratégias para lidar com os desconfortos de estar vivo e habitar um mundo tão complexo e, tantas vezes, perverso, demanda de nós movimentos e a coragem de reinventar. A reinvenção de nossos modos de nos portar perante o mundo nos direcionam às práticas e ações que se alinhem aos nossos desejos, potencializando a vida com afetos alegres. Berned (2024, p. 131) dispara a reflexão:

As crises de ansiedade são as forças do corpo pedindo passagem, pedindo que eu observe sinais que, de alguma forma, eu estava ignorando. Impressiona-me a expressão do corpo por meio dos sintomas. Sintomas que dizem que é preciso fazer mudanças, fazer escolhas, mesmo que sejam difíceis. Essa é a leitura que consigo fazer no momento presente.

Atender a demanda de uma sociedade que valoriza a produtividade (Han, 2015) mas que ao mesmo tempo o corpo grita por não ter o tempo para escutar as emoções e sentimentos. No nosso dia a dia as estratégias de enfrentamento estão presentes o tempo todo, a ansiedade perpassa os espaços das formas mais sutis às mais graves, a níveis patológicos. Encarar a ansiedade e nos fazer presentes no agora: eis necessidades para cuidar de nossa saúde, para seguir em uma “Biologia do Agora”.

Neste contexto de enfrentamento, surge o que entendo e defendo ao longo deste trabalho como a “Biologia do Agora”. A “Biologia do Agora” que propõe uma educação mais sensível, valorizando ações que nos conectam com o nosso sentir e aprender. Eis um modo de aprender com a vida, de aprender, já que estamos vivos (Rigue; Dalmaso, 2020). Assim, “Cada sopro vivo e energético do oceano, cada linha que flui, sopra para perto de nós uma superfície que nos convoca, nos chama, forçando-nos a estabelecer um movimento, um passo, um toque, uma atenção, um gesto” (Rigue; Dalmaso, 2020, p. 131).

1.2 Formação de Professores/as

Percorrer um caminho formativo é perceber múltiplas nuances que nele acontecem, que se emaranham, que tecem relações. Assim, questionamos: quantas complexidades permeiam a nossa formação ao longo de nossas vidas? De que maneiras atravessamos esses trajetos entre dores e delícias?

Em minhas experiências acadêmicas percebo que várias pessoas sofrem com incômodos, sejam fobias, medos, angústias, ansiedade, crises de pânico que nem sabem de onde vem ou como funcionam, o que tem sido barreira e tem reforçado estigmas em torno dos transtornos. Nas escolas também não são tão diferentes, o que nos mostra certo descaso com a saúde mental em nossos territórios de vida e de educação.

Levamos a sério a educação enquanto processo que acontece ao longo de nossas vivências – seja na escola, na universidade ou em tantos outros espaços. Assim, educar envolve as emoções que sentimos e, dessa forma, conhecê-las se torna importante. Precisamos aprender a dar nomes às coisas que têm sido importantes, e também às que nos têm adoecido. Nesse sentido, a alta demanda na produção e as condições de vulnerabilidade social tem nos distanciado das atividades que nos aproxima do sentir, como o acesso a atividades físicas, práticas artísticas, entre outras que nos conectam com nós mesmos para a escuta das nossas necessidades.

A valorização das emoções no ensino de Ciências e Biologia tem sido importante para potencializar os modos como aprendemos, sentimos e lidamos com os desafios do dia a dia, em diálogo com saberes educacionais e científicos. Entendemos que a arte entra como um caminho para nos aproximar dessas emoções e poder (re)elaborá-las, ressignificando os afetos que nos atravessam.

A minha forma de lidar com a resposta de luta ou fuga gerada pelo sistema nervoso em alerta – a qual chamo de ansiedade – foi a respiração, a atenção, a música, a poesia, a fotografia e a leitura. Esses momentos se fizeram presentes ao longo da minha formação enquanto futura professora de Ciências e Biologia durante a graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.

Estar presente com a vida, com os seres, com os estudos, com a educação. Eis a “Biologia do Agora”. Ela é percebida pelos movimentos do sistema respiratório, da respiração que traz para o momento e lugar que habitamos. Também se materializa com a escrita que foge do tradicional, do previsível, do corriqueiro, das formas engessadas de aprender e produzir ciência e educação.

Assim, decidimos “[...] afirmar cotidianamente e coletivamente a formação docente como obra de arte” (Sales, 2024, p. 29). As próprias escritas ensaísticas e experimentais que percorrem composições e sensações do nosso corpo manifestam esse modo artístico e artesanal de pesquisar e de me formar.

Na minha formação, os imprevistos (estes que exigem o conhecimento prévio de algo) foram uma forma de enfrentamento da ansiedade que me fez explorar outros modos de escrita.

A arte me motivou em pesquisas que dialogassem a dimensão do corpo que sente e que organiza os nossos pensamentos, que são movidos por uma energia psíquica com os atos de aprender e de ensinar.

A apreensão em não conseguir organizar os pensamentos seguindo o modelo tradicional de escrever foi um dos principais desafios enfrentados nessa pesquisa para chegar à “Biologia do Agora”: experimentar a escrita e a pesquisa de outras formas. Assim, este trabalho objetiva, a partir de um ato de revisitar as minhas vivências autobiográficas, enquanto licencianda em Ciências Biológicas na UFU, Campus Pontal, futura professora de Ciências e Biologia, perceber como imersões em processos criativos e artísticos ao longo da minha formação inicial foram importantes para lidar com a ansiedade.

Uma maneira de materializar o acontecimento da ansiedade na minha formação inicial docente ocorreu na própria execução desse Trabalho de Conclusão de Curso. Ela, materializada no perfeccionismo, paralisou durante tanto tempo a minha escrita, a qual no meu imaginário ainda está padronizada e enquadrada em modelos duros cientificistas.

Dessa forma, como objetivos específicos, tem-se: investigar as potências das artes na formação inicial de uma professora de Ciências e Biologia; evidenciar como a “Biologia do Agora” é uma estratégia para lidar com a ansiedade ao afirmar a potência da atenção ao tempo presente; percorrer vivências autobiográficas dando a ver as possibilidades de se formar em Ciências e Biologia com as artes.

1.3 Fundamentação Teórica

Diferentes referências fizeram parte da feitura desse trabalho. A seguir, elenco as mesmas em trechos que me inspiraram nesse caminhar.

Começo com o choque de perceber as coisas, como coisas e não como objetos – lembrando do que Tim Ingold (2012) nos ensina. As ideias de Ingold (2012) sobre as diferentes perspectivas de ver as coisas e objetos me convocaram a debruçar em uma pesquisa que aprofundou as minhas noções de currículo. Para o autor (Ingold, 2012), tudo o que se movimenta com a vida é nomeado como “coisa” – acontecimentos no tempo presente, abertos a transformações. E o que encontra-se fora do fluxo da vida e do devir que se conecta com as nossas histórias, configura-se como “objeto”, na ideia de que é algo acabado, fechado. O encontro com as leituras de Tim Ingold (2012) me acionou memórias de um contexto pandêmico da covid-19. Tempo que me fez perceber as coisas que estavam acontecendo e de

um currículo como “coisa viva”, e das pressões do meio que nos fez refletir e agir em imprevistos e adaptações para encarar tal realidade que antes era ignorada.

Junto disso, reflito o campo educacional como espaço complexo e múltiplo, permeado de relações que nos atravessam o tempo todo. Tecendo uma educação viva, entendo que é necessário compreender que o currículo é uma disputa de poder. Vivenciei nos Estágios Supervisionado, a qual afetou o desenvolvimento das minhas práticas. Vivenciei a organização curricular que prioriza a teoria no início da formação e a prática na etapa final da graduação. Entendo que a desarticulação, demonstra o jogo de força que define o que é considerado válido ou não na formação docente (Boff et al, 2021, p. 819).

Imersos em uma estrutura social que nos leva a um viver sem sentido, o currículo que defendo está alinhado a uma educação sensível e atenta ao que nos adocece, visto que esse mal-estar na educação e na vida abrange uma multiplicidade de questões. Me apoio em Gatti e colaboradores (2019 p. 177), os quais defendem uma educação inclusiva que aborde as “dimensões políticas, ética, humana, estética, técnica e cultura”.

A noção de arte me inspirou a pensar no que movimentava as práticas para experimentar uma “Biologia do Agora”, as minhas pesquisas na disciplina “Psicologia da Educação”, me despertou a curiosidade em compreender os benefícios da arte para o aprender e para o sentir. Aprofundando nas teorizações da disciplina, cheguei a Vygotsky (1999, p. 328-329) “[...] a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, que é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida”.

Nos encontros do Estágio Supervisionado, percebi a potência das relações sociais para a construção da minha identidade pessoal e docente. Foram nas trocas desafiadoras que me constitui no processo docente. A dinâmica das relações para a constituição do que somos, ganhou força nas teorizações vistas na disciplina de “Psicologia da Educação” ofertada pela professora Maria Aparecida Augusto Satto Vilela – carinhosamente chamada de Cida Satto –, que foram potentes para esta pesquisa. Em diálogo com isso, Alves e Souza (2021) argumentam:

Os autores citados versam sobre a influência sociocultural na formação psicossocial do discente e, nesse sentido, a apropriação acrítica da cultura e a ausência de reflexões críticas sobre os conflitos sociais podem distorcer a realidade, prejudicar a formação pedagógica e a autonomia (Alves; Souza, 2021, p. 182).

A inspiração em criar práticas que voltem a atenção para o momento presente se intensificou a partir da reflexão de Consenza (2018, p. 76), “Pode-se dizer que a prática de atenção plena atua nas chamadas funções executivas do cérebro, promovendo um aumento da

autorregulação por suas ações no controle da atenção, na regulação emocional e nos processos da autoconsciência”.

Já no que diz respeito ao gênero, me recordo das teorizações feitas por Sandra Harding através do texto de Laís Gedoz e Matheus Nascimento (2024), que traz a crítica ao simbolismo de gênero para discutir os mecanismos que reforça estereótipos e estigmas das mulheres e grupos minoritários na Ciência. Estruturas de gênero que associam estes grupos minoritários a imagens distorcidas sobre a capacidade desses grupos em produzir Ciência.

Pensando na força das imagens em interpretar as diversas realidades que nos atravessam, reflito com os autores Silva e Chapadense (2024), visto que por meio das fotografias podemos refletir sobre os momentos históricos, valores culturais e sociais, revisitando com novos olhares, adaptando-se a diferentes contextos.

Por fim, reforço que, inspirado em bell hooks (2013), busquei movimentar escritas que elaboram críticas e trazem outras perspectivas, expandiram o meu repertório. Assim:

Essa mistura complexa e múltipla de perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual trabalhar. Transpondo as fronteiras, ele possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos(hooks, 2013)

Dessa forma, compor novos caminhos na educação compreende-se na complexidade e multiplicidade das perspectivas, a partir do momento em que me coloco em uma formação que compromete a ir contra aos sistemas de dominação, sigo a uma educação ampla e inclusiva.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma investigação autobiográfica que foca em minhas vivências enquanto licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. O foco se deu para alguns acontecimentos que permearam a minha trajetória tanto nos atravessamentos e impactos causados pela experiência da ansiedade quanto na inserção das práticas artísticas como meio de potencializar uma formação sensível e atenta que se engaje com uma “Biologia do Agora”.

A escrita autobiográfica foi um convite para repensar as formas de lidar com o caos. A experiência terapêutica de narrar me colocou nas interfaces entre educação e saúde mental, das quais foram potentes para a formação da minha identidade profissional e pessoal. A “Biologia do Agora”, vem de uma angústia de não habitar a si mesmo, o outro e o tempo presente. Assim, o andar das narrativas desdobrou-se em desassossegos em ocupar uma Biologia de um espaço-tempo acabado, em que “[...] os conteúdos do mundo parecem já se encontrar trancados em suas formas finais, fechados em si mesmos” (Ingold, 2012, p. 31).

Entendemos que, a pesquisa autobiográfica que aqui fazemos consiste em um revisitar as nossas memórias para com elas pensar em maneiras possíveis de atuar no presente. Escrever as próprias narrativas demonstra uma possibilidade de compor novos caminhos, seja nas escritas, seja em nossas formações, seja em nossas vidas:

O passado, com suas memórias, nos leva a identificar padrões, maneiras de lidar com os acontecimentos, a perceber como nos relacionamos conosco e com os outros. O presente é esse lugar de transição entre quem somos e quem podemos ser. O futuro enquanto horizonte de expectativas (RICOUER, 2012b) guarda essa semente do vir-a-ser (Souza; Sousa, 2021, p. 104).

A “Biologia do Agora”, opera na criatividade, reinventando os modos de ensinar e aprender a vida que acontece a todo tempo. Viver e aprender faz parte da nossa história, assim como perceber essas ações. Viver no automático nos gera desconfortos que nos faz perceber a urgência de identificar padrões que nos estagnam. Padrões que se repetem e nos impede de criar novas práticas, no educar e transformar em modos saudáveis. Em meio a estes confrontos, concretizou-se ideais e ações voltadas a um ensino e uma vida dinâmica. Arranjos de uma educação viva, permeada por relações de escuta com as histórias em movimento, o reconhecimento e a aceitação das fragilidades do ensino e do bem viver, é perceber o que passa despercebido.

O corpo expressa aquilo que a mente sente; a ansiedade, por sua vez, manifesta-se também por meio de respostas fisiológicas. A abordagem denominada de “Biologia do Agora”, fundamenta-se nos cuidados com a saúde mental, valorizando atividades que promovam a

atenção plena ao momento presente e favoreçam o bem-estar integral. Alinhada a uma perspectiva de transformação social, a proposta adota um modelo de ensino mais humanizado, do qual prioriza o indivíduo na sua totalidade. Em paralelo a isso, bell hooks (2013), defende uma prática educativa emancipatória centrada na escuta sensível e na valorização do corpo como dimensão epistêmica e na construção de relações pedagógicas humanizadas, orientadas à formação integral do sujeito.

A arte foi disparadora para contornar a ansiedade. Transformou-se em criatividade, de pensar em práticas pertinentes à promoção da saúde, arte e educação. Nesse viés, a afinidade com as expressões artísticas, materializou-se em escritas poéticas e fluidas que deram sentido ao rigor científico, desenvolvendo competências para agir nas lacunas que perpassam a educação. Para a tessitura do texto, mobilizamos:

[...] escritas autobiográficas que, por meio de histórias, tramam docência-vida-pesquisa-educação em meio às ciências naturais. Em um fazer escritural, cultivamos experimentações e dobras de subjetividades que friccionam/ficcionam mundos. Damos vazão aos vínculos que nos unem, aspirando e respirando singularidades que se potencializam na coletividade, naquilo que nos faz ser e estar com/no/pelo mundo (Rigue; Sales, 2024, p. 17).

Assim, foram construídas, em trabalho colaborativo de orientação, seis narrativas que percorreram vivências autobiográficas da autora, também embrenhando em escritas experimentais, ensaísticas, performáticas e em registros imagéticos que deram passagem para um modo sensível de viver, de aprender e de se formar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como maneira de materializar o trajeto da pesquisa autobiográfica, nesta seção percorremos escritas que dão vazão a vivências que atravessaram os meus processos formativos durante a graduação em licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Caca narrativa percorre momentos que são tangenciados tanto pelos saberes curriculares, quanto pela ansiedade em me graduar e a arte como caminho para cultivar uma “Biologia do Agora”.

3.1 Vivências entre dobras: O Origami nas práticas na pandemia

Onde estou na Biologia? Quem eu sou?

Suspensão.

Uma nova rotina, um novo momento...

A queda de paraquedas na biologia me trouxe uma série de conflitos de não me identificar com uma área específica na biologia.

Percebo os conhecimentos em compartimentos, movimentando estranhamentos de ver uma área que não dialoga com as outras.

Encontro-me com a Arte na Graduação. Eis a possibilidade de práticas artísticas dialogarem com outras áreas do conhecimento, como as Ciências Biológicas Assim, nessas experiências com a arte percebo formas de me reconectar.

No começo da graduação, as tantas áreas da Biologia se mostravam como caminhos possíveis. Logo me encantei com a neurociência e a possibilidade de trabalhar com a saúde mental. Em meio aos tantos trajetos trilhados, me encontrei também com o Projeto “Desafios de Origami na pandemia”, uma maneira de cultivar a saúde com a arte milenar dos origamis. Ainda assim, apesar do encanto com a minha inserção nesta atividade, me questionava: será que aproximar das artes não seria distanciar das ciências? Eu me tornaria assim menos bióloga?

Junto do encontro com a arte surgia certa resistência minha, refletindo na desvalorização social da mesma. Entretanto, decidi seguir.

Durante a pandemia de Covid-19, imersa nesse projeto, surgiram algumas reflexões com a arte do origami. Como fomos restritos a ocupar os espaços, passamos boa parte do tempo obrigados a sentir, a ter atenção plena, como por exemplo observar quem somos, o que nos fazia sentir bem, as nossas fraquezas, a delícias de estar com a família ou as dores que estar

distante de quem amamos. Foi nesse momento que vivi o choque de perceber as coisas, como coisas e não como objetos – lembrando do que Tim Ingold (2012) nos ensina.

Fazer. Refazer. Fazer. Refazer. A dobra do origami me ensinou que me formar é, em tantos momentos, também deformar, reformar, fazer-e-refazer, criar e destruir. Aprendi, assim, a importância de recomeçar.

Imagem 1 – Fazer e refazer uma “Biologia do Agora” em dobras.



Fonte: arquivo de Victória Queiroz dos Santos (2025).

A arte na pandemia e na minha graduação se mostrou como um caminho de atenção, de cultivar uma “Biologia do Agora”. A arte do origami, no projeto coordenado pela professora Vanessa Kataguri, foi um modo de educar e cuidar do corpo em meio ao caos.

3.2 A arte de estagiar, a arte no estágio: a tatuagem em questão

Mãos na massa. O Estágio Supervisionado II – componente curricular obrigatório na Licenciatura em Ciências Biológicas da UFU, Campus Pontal – me colocou em um jogo estratégico de perceber a urgência em explorar a interdisciplinaridade. Essa vivência entre disciplinas exigiu o habitar em uma realidade múltipla, plural: a realidade vivida, a que estava acontecendo.

Reflexo de uma teoria e prática vistas em tempos distintos. Manifestaram-se, assim, incertezas para prosseguir nas experiências na escola.

Me perdi nos conceitos.

Estava dentro ou fora da realidade?

Me senti inflexível para criar e, ao mesmo tempo, no desejo de planejar a prática perfeita.

Pisquei os olhos e lá estava eu: no labirinto “ansiedade”:

“Eles me disseram que todas as minhas jaulas eram mentais
Então eu me perdi, assim como todo o meu potencial”.
This is me trying – Taylor Swift

Sinto, em minha formação, que a desconexa relação entre teoria e prática separou o “saber pensar” (teoria) e o “saber fazer” (prática), despotencializando o trabalho de ensinar. A sensação de tempo perdido com as teorias, afetou os significados na docência, descortinando-se em fragilidades nos modos de ensinar.

Ao lidar com os conflitos internos, percebi comportamento de resistência em alguns momentos, na tentativa de me proteger do sofrimento emocional. Mas, no protesto de viver o agora, que ora não era planejado, encontrei improvisos, registros e ensaios de um estágio anterior que me fez pensar numa educação viva que acontece no agora. E pensei em arte.

A bússola arte veio com a descoberta de mim mesma no outro. A arte mediou o processo de (re)elaborar da realidade no Estágio Supervisionado II e em meio aos conflitos do saber, me encontrei na coragem do outro.

Nas práticas do estágio, tatuou-se a “Biologia do Agora”, em experiências junto da minha colega, Júlia Ortolan, desenvolvendo um projeto que pensava nas relações entre a arte da tatuagem e o ensino de ciências e biologia. Júlia sempre me contava que o desenho era uma maneira para ela lidar com a ansiedade, e muito aprendi nesse processo conjunto.

E o que era por despercebido, percebi. O interdisciplinar ganhou sentido a partir dos diálogos entre as minhas paixões com a arte. Eis então a criação da primeira intervenção que

realizei em um estágio nos encontros de Arte e Biologia. A atenção plena em desenvolver uma prática com as paixões que nos movimenta tomou conta do espaço.

Confeccionamos o tecido epitelial e o conjuntivo com o EVA em tons de pele diversos. Materiais como canetinha, isopor, linhas de bordado, máquina de tatuar, pigmentos e agulhas estiveram presentes nessa prática conosco – coisas que foram parceiras para cultivar uma atenção no agora, em outras inspirações para uma “Biologia do Agora”.

Imagem 2 – Tatuagem: Arte e Biologia em práticas pedagógicas.



Fonte: arquivo da autora (2023).

Histórias foram contadas nesse estágio, entrelaçando as artes e as ciências. Contextos dos estigmas que foram (des)construídos, das células de defesa recrutando outras para fagocitar os pigmentos, das camadas mais superficiais às mais profundas da pele, das medidas de segurança e dos cuidados com o corpo no ato de tatuar e de uma educação antirracista. E naquela troca, tatuou-se a vida, a saúde e o diálogo em práticas interdisciplinares.

3.3 FotografARTE: um estágio para cultivar a “Biologia do Agora”

“Combate, estou pronta pro combate
Eu digo que não quero lutar, mas e se eu quiser?”
The Archer – Taylor Swift

Me senti vulnerável. As expectativas em realizar o Estágio Supervisionado III me colocaram em um constante conflito com as reações de luta e fuga, com as minhas inseguranças e o medo. “Eu fui a arqueira, eu fui a presa” (The Archer, Swift, 2019).

Performar como professora de ciências e biologia me fez refletir nas formas de humanizar o processo formativo por meio das artes. Nos ensaios da imperfeição do meu “eu” e na docência, a arte foi o meu arco e flecha para capturar o agora, desafiando cada pensamento excessivo e me acomodando em emoções desconhecidas.

“A arte é o que mais conforta o ser humano, seja popular ou erudita
é um ombro”
Fernanda Montenegro (Canal Brasil, 2019).

A escuta nas letras metafóricas motivou-me a encarar os erros e acertos na docência com braveza. E uma das canções que ouço descreve muito bem uma das lutas que enfrentei na docência enquanto futura pesquisadora, bióloga e professora, na disputa em ocupar uma ciência que dê visibilidade às produções femininas.

Não quero ser definida pela vestimenta, ou pelo comportamento. Mas sim como produtora de ciência e biologia viva:

“Eu estou tão cansada de correr o mais rápido que
Imaginando se eu chegaria lá mais rápido se eu fosse um homem
Eles diriam que eu me esforcei, foquei no trabalho
Eles não iriam balançar a cabeça e questionar o quanto eu mereço isso
O que eu estava vestindo, se eu fui rude
Poderia ser separado das minhas boas ideias e dos meus atos destemidos”.
The Man – Taylor Swift

A crítica feita na música revela as consequências do sistema-gênero que ainda aprisiona e causa efeitos na saúde mental das mulheres, na medida em que produz violência estrutural e sofrimento, interseccionando-se, ramificando com outras dimensões. Estes estereótipos são reproduzidos em mídias sociais, das quais as imagens compõem os discursos machistas e sexistas. Mudar esse repertório excludente me exigiu a estratégia sutil de unir a arte da fotografia com as concepções do que é ciência, de quem a produz, como é vista e qual o seu tempo-espço.

“Sabe, as mulheres mais sábias tiveram que fazer desse jeito
Porque nós nascemos para ser os peões dos jogos dos amores
Se você falha em planejar, você planeja falhar
A estratégia prepara a cena para a trama

Eu sou o vento ajudando nossos barcos a velejar”.

Mastermind – Taylor Swift

E por que o foco “Mulheres na Ciência”, apenas no Dia das Mulheres?

A fotografia fala mais do que o mero registro de algo, por trás de uma fotografia existe um contexto e intenções. A criação na escola fez-se necessária para refletir de forma crítica o que compõe a imagem de ser cientista, e ao mesmo tempo nos reconectou com o tempo presente.

Imagem 3 – FotografARTE.



Fonte: Registro da autora (2024).

Experimentei a criação de um varal fotográfico que se entremeou em histórias de protagonistas cientistas. Varal que se fez vivo com diversas identidades, gêneros, etnias que marcaram a tarde na Escola Estadual Tonico Franco com especulações, olhares arregalados, demonstrando a curiosidade em saber quem era produtor de ciência na rede, em que ganhou a cor vermelho para representar as veias capilares do corpo que foram atravessadas pelos protagonistas da ciência.

3.4 Educar, Afetar e Transformar com a Arte

E os anos passaram como cenas de um show
 O professor disse para escrever o que se sabe
 Olhar para trás pode ser a única maneira de seguir em frente
 Então os atores estavam acertando suas marcações
 E a dança lenta estava acesa com as faíscas
 E as lágrimas caíam em sincronização com a trilha sonora
 E finalmente, ela soube qual tinha sido a finalidade da agonia.
 The Manuscript – Taylor Swift

Epifania. A disciplina optativa para a Licenciatura em Ciências Biológicas *Educação e Transformação Social* foi uma oportunidade que me permitiu me descobrir. Até então me sentia deslocada no curso, como se muito do que eu via, estudava e aprendia fosse desconexo do restante da minha vida. No encontro tanto com a proposta da matéria quanto com a formação do professor que acabara de chegar à instituição senti certa ressonância. Inclusive, nas primeiras aulas perguntei a ele se poderia me orientar no TCC.

Durante a disciplina tivemos o contato com uma amplitude de leituras potentes. “Ensinando a transgredir” foi a primeira obra da autora bell hooks (2013) que reconfigurou as minhas concepções no processo formativo. As críticas da bell hooks vindas das suas vivências, provocaram-me reflexões sobre a educação e os modos de escrita que nos chegam na graduação.

Dentre as propostas avaliativas da disciplina, as quais deveriam ser realizadas ao longo do semestre, estavam a escrita de cartas, as quais poderiam ser feitas ao modo de poesias. Entrei-me no estado de epifania, a possibilidade de experimentar escritas poéticas fez sentido para mim, me conectando com muito do que sempre acreditava e que me fazia bem. Era um jeito de aprender sem cair na ansiedade paralisante, um modo de vivenciar na prática a “Biologia do Agora”.

Me aprofundei nas críticas de bell hooks para produzir uma ciência e educação transgressora e libertadora. Não foi tarefa fácil. Me embarquei nos conceitos e como pesquisadora sai do meu conforto de ver as coisas como eu queria que fosse, e bell me inspirou a aprofundar em outras perspectivas. A escrita ensaística da bell em diversas temáticas me inspirou a escrever em outras formas, o que também foi terapêutico, crítico e analítico com as situações vivenciadas como professora de Biologia. Escritas que elaboram críticas e trazem outras perspectivas, expandiram o meu repertório.

Retomo as minhas inquietações acerca de uma educação bancária que vivi desde o início da graduação – o que foi, inclusive, o ponto de partida para pensar na “Biologia do Agora”. Distante da vida, esse modelo de ensino valoriza o acúmulo de informações e desvaloriza o

sentir e aprender com afetos, o que nos torna humanos. O aprender é dinâmico e vivo – o que contrapõe isso nos adoece.

Naquele momento, em 2023, teci uma escrita que revisito agora para fechar essa narrativa de uma imersão nas possibilidades de aprender e transformar a realidade com os afetos:

Aos que creem em uma educação libertadora
 abandona o desejo de dominar
 e acolhe o autoatualizar
 bell hooks em minúsculo sem susto
 é apenas uma recusa ao egoico intelectual
 Para quem sonha
 arte e literatura não se separa
 A beleza
 é a estética com ética
 do fazer sentir inteiro,
 livre das amarras de dominar

3.5 Brincar com as imagens no Ensino de Biologia e Ciências

Perdida.

Cheguei na disciplina *Oficina de Produção: Imagens no Ensino de Biologia e Ciências* com uma imensa expectativa. Era um componente curricular que focava na produção imagética no ensino de ciências e biologia, uma oportunidade de experimentar o diálogo entre artes e ciências. Entretanto, por diferentes fatores – inclusive a minha própria expectativa –, não consegui me imergir e interagir intensamente com a ementa da mesma. Era uma quebra, uma distância da “Biologia do Agora”. Por estar em uma turma que não era a minha, atolada por uma série de afazeres, sinto que não me conectei tanto e me senti perdida.

Mas, ainda assim, em algum momento ela fez sentido pra mim. Como trabalho final da mesma, pude experimentar uma relação entre a minha vida em Ituiutaba ao olhar com outros olhos algumas construções abandonadas, fotografando-as. Juntei vivências cotidianas, fotografia e edições virtuais.

A “Biologia do Agora” se fez urgente e ganhou sentido quando eu me percebi desmotivada e desconexa da disciplina. Foi aí que, ao me encontrar com uma construção derrubada que me chamou a atenção e pude experimentar o estar presente pelos caminhos que

trilhava. A proposta de criar fotografias me fez movimentar as imagens de outras maneiras, nas interfaces entre Arte e Ciência.

Nas ruínas fui me encontrando...

Imagem 4 – Aprender e fotografar (n)as ruínas.



Fonte: acervo da autora (2024).

A imagem que fotografei me chamou a atenção aos outros elementos que ali estavam presentes. As ruínas que aqui descrevo refere-se a distância do ser humano e natureza. Na construção que foi depósito de objetos que afetou negativamente as vidas que ali circundavam. Da ausência de cuidado. De uma pausa para o fotografar, até a introspecção que me fez refletir sobre as ruínas que vivenciamos para dar corpo às novas mudanças.

3.6 Terapia do Bordado: bordando sentidos na educação

Me encontrei.

Do enredo, da porção de linhas de algodão ou seda para o sentido da vida e do germinar da docência.

Convoquei-me a experimentar o minicurso “Terapia do Bordado” ofertado pela professora Luciana Karen de Calábria. A prática artística me expôs aos conceitos do que é interdisciplinar, na oportunidade de explorar as temáticas pertinentes à construção de educações vivas em uma “Biologia do Agora”. Estive, então, a pensar a minha formação docente como um processo contínuo e não acabado. Escrevi, então, uma poesia que dei o nome de “Bordando Sentidos”:

Toco a textura do papel vergê,
“encasei-me” no conforto de ser eu,
na introspecção de um bordado livre,
volto à minha casa.
O toque fino da agulha no papel
fez dança no meu íntimo límbico,
onde a atenção, as memórias,
emoções e as criações
fez parte do meu repertório docente e pessoal.
“Na yoga eu me acho, na dança eu me perco”
encanto na vivência da professora Lu,
respingou em mim, no tom do encorajar-se
a aprofundar na potência artística
de decifrar as intempéries do meio.
O bordado no marca-página
feito no molde de uma bailarina, coruja e gato
experenciou o agora,
bordando metáforas de tentativas de erros e acertos
de fazer o ponto, e
ter como produto uma bela arte
a beleza do sentir.
Em tons pasteis e vivos de cores
que se entrelaçam nas meadas,

do ponto de trás,
o bordado livre se entremeou
na complexidade das emoções
insinuando na repetição de um vai e vem que:
“olhar para trás pode ser a única maneira de seguir em frente”
decifrando o que era sentido.
A riqueza do bordado intercalou-se em
Arte, Biologia, Neurociência e Saúde Mental.
Bordado que deu textura às penas,
da coruja que sobrevive, porque se adaptou às pressões do meio.
Pressões que também nos atravessa
e nos exige estratégias para adaptar, mas que
nos resgata ao que somos
nos faz sentir vivos,
e se sentir bem, apesar do caos.

Imagens 5 e 6 – Bordando “Biologia do Agora”.



Fonte: Arquivo da autora (Imagem 5) e registro de Luciana Calábria (Imagem 6) (2025).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos atravessamentos permeiam a formação inicial de um professor e de uma professora. Neste trabalho, nos dedicamos a pensar em como a ansiedade se coloca como barreira nos processos educativos e às maneiras como a arte pode ser potencializadora para cultivar modos de saúde na trajetória formativa de uma futura professora de ciências e biologia. Para tal, mobilizamos escritas autobiográficas que dessem vazão às vivências que embasam as nossas reflexões.

Pensamos na dimensão da “Biologia do Agora” como modo de estar presente por meio do conjunto de ações que resgatam a atenção para o agora. A “Biologia do Agora” concentra-se em práticas educativas que podem ser também formas de cuidado da saúde mental no espaço universitário e, em específico, na formação de professores/as de ciências e biologia. O educar para uma “Biologia do Agora” abrange o ensinar e aprender o corpo em todas as suas dimensões para a promoção da potência de vida, autoconhecimento, cognição e formação.

À medida que fui desenvolvendo os componentes curriculares na graduação em licenciatura em Ciências Biológicas na UFU, Campus Pontal, o situar-se no agora foi árduo e exigia elementos que mediasse essa atenção, driblando a ansiedade. Assim, por vezes, essa capacidade de atentar-se foi perdida em práticas formativas que não dialogassem com o momento presente e não movimentam o corpo e a vida. A arte foi um modo de mediar a minha formação para situar no agora, habitando de pouco a pouco em cada canto da universidade.

Percebi que a ansiedade afeta a saúde mental de modo que a capacidade de aprender é impactadas, e os desconfortos manifestam-se também no corpo. Assim, entendi que atenção plena por meio das práticas educativas para situarmos no presente envolve o educar, no que diz respeito à educação do sentir, das emoções e do corpo para o autoconhecer e cuidar de si.

A proposta da “Biologia do Agora” tem como intenção reinventar os conteúdos – e o seu ensino – dos campos das ciências e da biologia de modo que sejam potentes para a vida – os quais percebo que não são movimentados assim. Entendo que os saberes se entremeiam em várias esferas sociais e são intrínsecos em nós enquanto seres vivos. O movimentar-se para essa “Biologia do Agora” abrange o planejamento de ações e práticas educativas e artísticas feitas com o conhecimento prévio dos estudantes, alinhadas à escuta em abordagens diversas contextualizadas com o espaço em que habitam, com o cuidado de si e do outro.

Escrever sobre mim foi potente para que pudesse pensar em uma educação que constroi sentidos, que esteja voltado ao cuidado com a saúde e à criação artística. Esses sentidos trazem

a valorização e a potencialização de cada subjetividade, de maneira que também potencialize saberes e conhecimentos que nos permeiam, materializando uma educação viva.

O processo de narrar a minha vivência me fez perceber o quanto a arte de observar e fazer ciência com esse olhar atento disparou reflexões de uma docência sensível, criativa e viva. As narrativas foram acontecendo em um processo não linear, aprendendo que é necessário fazer-me e refazer-me nos processos formativos para a construção da minha identidade. Assim, os percalços e imprevistos que acontecem no tempo também foram importantes na aceitação dos limites e a capacidade de romper com os padrões sociais, profissionais e pessoais. Assim, entendo e defendo que a “Biologia do Agora” concentra-se no desenvolvimento biopsicossocial dos sujeitos para uma vida alegre e potente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lion Granier; SOUZA, Sérgio Rodrigues de. Identidade e Consciência Social: Contribuições freirianas e vygotskianas para a educação. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS, 5., 2021, Caparaó. **Anais CICSa-21 GTs Educação**. Caparaó: Rede de Ensino Doctum, 2021. p. 181-195. Disponível em: <https://revista.doctum.edu.br/index.php/anaiscicsa/issue/current>. Acesso em: 30 abr. 2025.

BERNED, Igor da Silveira. **Diários de aprendizagens**: a invenção de caminhos entre a palhaçaria e a educação. 2024. 137 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2024. Disponível em: <https://www.udesc.br/faed/ppge/teses/2024>). Acesso em: 13 maio 2025.

BOFF, Daiane; BAHIA, Sabrine. PROFESSÃO DOCENTE: FORMAÇÃO INICIAL E A DICOTOMIA TEORIA-PRÁTICA. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 2, p. 810–825, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46i2.65148. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/65148>. Acesso em: 29 abr. 2025.

COSENZA, Ramón. **Prática de Mindfulness no ambiente escolar pode trazer benefícios a alunos e professores**. São Paulo: Revista Neuroeducação, 2018.

FERNANDA Montenegro e Lázaro Ramos | Espelho. Realização de Canal Brasil. Rio de Janeiro, 2019. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CJ5quJmQ3qQ&t=881s>. Acesso em: 30 abr. 2025.

GATTI, Bernardete Angelia; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: Unesco, 2019. 351 p. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc-livros/professores-do-brasil-novos-cenarios-de-formacao/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

GEDOZ, Laís; NASCIMENTO, Matheus Monteiro. Integrando a epistemologia feminista de Sandra Harding à identidade científica: uma abordagem teórica para o ensino de Física e Ciências. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 12, n. 2, p. 513-536, 2024.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno**. São Paulo: n-1 edições. 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25–44, jan. 2012.

Macêdo, Shirley (2018). Sofrimento Psíquico e Cuidado com Universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **Ecos – Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, 8(2), 265-277. <http://periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844>

RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Estar vivo: aprender. **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, n. 3, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/6354>. Acesso em: 01 abr. 2025.

RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral. Encontros e histórias de vidas de professores/as formadores/as de Ciências Naturais. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 23, n. 37, p. e24016, jul. 2024.

SILVA, Ana Maria da Conceição; CHAPADENSE, Francesca Guaracyaba Garcia. A fotografia e o ato de fotografar nas aulas de Ciências. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. e3827, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N4-055. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/3827>. Acesso em: 30 abr. 2025.

SALES, Tiago Amaral. A formação docente como obra de arte: criações, poéticas e experimentações na licenciatura em Ciências Biológicas. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e31/1–31, 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de; SOUSA, Rosiane Costa de. Pesquisa (auto) biográfica, educação e saúde docente: escritas de formação e refiguração identitária. **Cadernos CERU**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 1, p. 99–126, 2021. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v32i1p99-126. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189276>. Acesso em: 29 abr. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da Arte**. Trad. De Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.